

O Jovem e a Agricultura Familiar no Extremo Oeste Catarinense⁽¹⁾.

Drielly ketrine Thiel⁽²⁾; João Guilherme da Silveira⁽³⁾; José Fabiano de Paula⁽⁴⁾

Resumo Expandido

⁽¹⁾ Trabalho executado com recursos do Edital de Pesquisa PIBIC-EM Nº 27/ 2012 da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação.

⁽²⁾ Estudante Bolsista do 4º Módulo do Curso Técnico em Agroindústria Integrado ao Ensino Médio; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina; São Miguel do Oeste, Santa Catarina; drica.kt@hotmail.com

⁽³⁾ Estudante Bolsista do 4º Módulo do Curso Técnico em Agroindústria Integrado ao Ensino Médio; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina; São Miguel do Oeste, Santa Catarina; jaosilveira@outlook.com

⁽⁴⁾ Professor EBTT da área de Geografia e Coordenador do Projeto; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina; São Miguel do Oeste, Santa Catarina; jose.fabiano@ifsc.edu.br

RESUMO: O êxodo rural vem se agravando cada vez mais. Diante disso, o Governo Federal vem buscando a criação de mecanismos para frear esse fenômeno que ameaça a Segurança Alimentar do país, já que concentra a responsabilidade de produção, na sua maioria, nas mãos das pequenas propriedades rurais. Por isso, surgiu a necessidade de se descobrir e/ou reafirmar os fatores que estão contribuindo para que o jovem, filho de agricultores, migre para a cidade. A fórmula encontrada para desbravar este estudo ficou estruturada com a divisão de quatro etapas básicas: levantamento de bibliografia e documentos; saída a campo com a realização de entrevistas; consolidação dos dados através da análise das informações e; entendimento geral do processo com a elaboração de textos para a divulgação dos resultados alcançados. As entrevistas *in loco* no espaço rural de São Miguel do Oeste contribuíram para a geração de um acervo de mais de 30 interações somadas a coleta de 50 imagens obtidas nas diferentes regiões deste município. A partir da organização desses conhecimentos coletados, conseguiu-se traçar, sob a visão de um determinado público de estudo, as causas como: preconceito da cidade para com o campo, a falta de assessoria técnica na manutenção das pequenas propriedades agropastoris, a ausência de diálogo e compreensão entre pais e filhos dentro da comunidade rural, bem como da concepção criada de que o urbano oferece uma melhor qualidade de vida diante da maior oferta de técnicas e tecnologias disponíveis.

Palavra Chave: Êxodo Rural, Migração, Preconceito.

INTRODUÇÃO

O meio técnico-científico-informacional vem promovendo mudanças consideráveis nas relações de trabalho e na percepção de mundo que as pessoas tem entre o local e o global. Os reflexos dessa Globalização vem acelerando o processo de esvaziamento das áreas rurais através da saída em massa dos jovens para o urbano. Dessa forma, percebe-se que em anos anteriores, consequentemente provocado pela necessidade de mão-de-obra para a industrialização do país, a supremacia pregada pela melhor condição de vida encontrada na cidade divulgada pelos veículos de comunicação de massa, provocaram uma migração espontânea na aparência, mas forçada em sua essência de milhões de brasileiros. Com isso, essas ações mal estruturadas acabaram por provocar cicatrizes que continuam perpetuadas nas famílias de agricultores até hoje. Por isso, constata-se a saída de seus filhos do campo para ir ao encontro

do trabalho assalariado e de uma profissão urbana que lhe dê uma garantia mensal financeira, de preferência, com menos utilização da força física. Diante dessa situação construída historicamente, o Governo atual vem buscando através das Políticas Públicas, alternativas para a permanência do jovem no campo. Contudo, a problemática vai além da questão econômica, recaindo também nos fatores cultural-político-social-espacial. Assim, esse estudo pretende apresentar uma pesquisa realizada no ano de 2013 em que se escutou uma parcela da comunidade migueloestina diretamente envolvida, ou seja, as autoridades (representadas por professores, servidores públicos estaduais e municipais, secretário da Agricultura, líderes comunitários, entre outros), os pais e os filhos oriundos da Agricultura Familiar.

No início da pesquisa estabelecemos algumas **hipóteses** acerca deste fenômeno como, por exemplo, as intempéries do tempo que castigam

periodicamente a produção agrícola, as dívidas contraídas pelo insucesso financeiro, ou ainda, o trabalho exigido fisicamente que não possui férias, décimo terceiro salário e oito horas diárias de trabalho quando funcionário de uma empresa. Nesse sentido, fomos em busca **dos potencializadores mais próximos da realidade que estão contribuindo para que o jovem abandone a agricultura** na tentativa de encontrar uma condição social melhor – em alguns casos utópica - na área urbana. Além do mais, **com a saída dos jovens e do real envelhecimento da população rural**, tende-se a desestruturação da Agricultura Familiar.

METODOLOGIA

O desenvolvimento das atividades de pesquisa ocorreu no período de 11 meses referente ao ano de 2013 (Fev/2013-Jan/2014). A equipe de trabalho foi composta inicialmente pelo Professor Coordenador/ Orientador (responsável) e mais três bolsistas oriundos do curso de Agroindústria Integrado ao Ensino Médio que frequentavam as aulas no turno da noite. Com isso, os alunos participaram da pesquisa atuando nos turnos alternadamente matutino e vespertino.

Com relação as atividades desenvolvidas pelos bolsistas, eles participaram de todas as etapas pertinentes a pesquisa, sendo assim, desde leituras e interpretação de textos iniciais dentro da equipe, passando pela coleta dos dados nas fontes existentes, até às entrevistas com as famílias da Agricultura Familiar e, por fim, na digitação e auxílio de análise das informações coletadas.

O projeto se desenvolveu em quatro etapas, consistindo:

1º) levantamento bibliográfico e documental: busca, leitura, análise e seleção de todo tipo de informação encontrada, entre elas textos e imagens, localizados em livros, periódicos, sites e documentos disponíveis no IBGE, EPAGRI Regional e Local, UFSC, Museu Municipal e arquivo da Prefeitura;

2º) Saída a campo com a realização de entrevistas: definição da quantidade de entrevistas a serem realizadas, elaboração de entrevistas direcionadas aos jovens e aos pais agricultores, definição com a EPAGRI das famílias residentes nas comunidades rurais a serem entrevistadas, troca de experiências com as famílias e a captura de imagens das propriedades (Figura 1);

Figura 1: Aluno bolsista entrevistando uma família da área rural do extremo oeste catarinense



Fonte: Drielly ketrine Thiel, 2013.

3º) Consolidação dos Dados e Produção de Material Impresso e Digital: reunião das informações, triagem dos dados e organização em forma de texto com o acréscimo de imagens e gráficos para ilustrar a pesquisa.

Na parte teórica, encontrou-se alguns dados que comentavam sobre a Segurança Alimentar do Brasil. Estes destacavam que essa situação estava sob responsabilidade da Agricultura Familiar, entre esses artigos, salienta-se: “Êxodo Rural é uma realidade prejudicial a toda a sociedade” (2013) e “Jovens de famílias camponesas: suas realidades e seus sonhos” (março/2011), ressaltando assim, de forma clara e concisa, esse sentimento acerca do evento da migração. As reportagens consultam especialistas da área que indicaram algumas causas possíveis do evento. Fato esse, que nos orientou na construção dos questionamentos que foram expostas nas entrevistas. Inclusive, destacam a importância de se “*criar e implementar políticas que garantam qualidade de vida às populações rurais*” (ExpoagroAfulbra, março/ 2013). Outro autor que realizou um estudo sobre esse êxodo na cidade de Ouro-SC foi Valmir Luis Stropasolas (2006) que refletiu sobre o assunto, levando em consideração a questão de gênero, ou seja, a masculinização da área rural e o preconceito para com as mulheres. Em sua pesquisa também encontrou-se a escassez de terras e a falta de qualidade de vida que muitos agricultores possuem, como também, os conflitos de geração. Essa situação refere-se a resistência dos pais em aceitarem ou incorporarem dinâmicas ou técnicas que contribuem para o aumento da produção, tanto agrícola como animal, sendo em que os filhos pensam na aquisição desses conhecimentos, mas encontram-se impedidos pelo fato dos pais não autorizarem tais experiências.

Assim, com a leitura desse material, deu-se início a confecção de fichas de entrevistas. Destaca-

se que se optou pela Entrevista Padronizada ou Estruturada que segundo Marconi e Lakatus (1982) “é aquela que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas” (p.71). Estabeleceu-se três tipos de entrevistas que ocorriam de acordo com o agente histórico: pais, filhos e autoridades. Dentro da própria entrevista, ela foi subdividida em três partes: 1ª) Indicadores Socioeconômicos em que se encontram dados da família e da propriedade em termos de rendimento; 2ª) Caracterização da Propriedade em que detalha o tipo de produção existente e; 3ª) Questões específicas do projeto, que trata justamente da relação campo-cidade e da influência do último no cotidiano dos entrevistados envolvidos com essa realidade. Por isso, questões como: orgulho pela profissão de agricultor, existência de valorização ou não pela sociedade dos agricultores, desejo de residir ou não na área urbana, opinião do entrevistado acerca do êxodo rural na região e solicitação de uma opinião pessoal de como se pode diminuir o fenômeno em estudo.

Tais entrevistas aconteciam nas propriedades rurais. Para isso, o Coordenador acompanhado dos bolsistas se deslocavam até o local de trabalho dessas pessoas e realizavam as conversas formais. Com o apoio da Instituição através do empréstimo do veículo Toyota, percorreu-se a área rural de São Miguel do Oeste em busca desses dados. Considera-se também que essa atividade de campo nos proporcionou a ter a percepção da questão geomorfológica da região, que manifesta-se por ser muito acidentada (Figura 2).

Figura 2: Paisagem da área rural de São Miguel do



Oeste (Linha Sete de Setembro)

Fonte: João Guilherme da Silveira, 2013.

Ressaltamos ainda, que foi definido a divisão de entrevistas conforme o número de pessoas por comunidade, isto é, caso a Linha Canela Gaúcha possuísse 1235 moradores, estes teriam 6 famílias entrevistadas, já a Linha Sete de Setembro caso tivesse 608, seriam 3 famílias visitadas. Tentou-se manter uma coleta por aproximação de acordo com os tamanhos territoriais de cada área. As informações com relação aos quantitativos foram fornecidas pela Secretaria da Saúde que detém um grupo de agentes que visitam periodicamente os núcleos familiares.

Dessa forma, conseguiu-se entrevistar 50 pessoas, sendo: 25 jovens, 23 pais e 7 autoridades (servidor da CIDASC, EPAGRI, IF-SC, CEDUP, padre, líder comunitário e secretário municipal da Agricultura). Destas, selecionamos 20 por apresentarem em algum momento uma peculiaridade diferente das demais, já que as 30 restantes são comuns a uma determinada forma de pensar e agir.

Os dados coletados nos trouxeram informações úteis para compreender esse universo que, para muitos, é desconhecido. Daí a importância de se preocupar com esse fenômeno que já ocorre há anos, mas que pode trazer em breve resultados preocupantes para a produção de alimentos, ora encarecendo-os, ora diminuindo a sua qualidade.

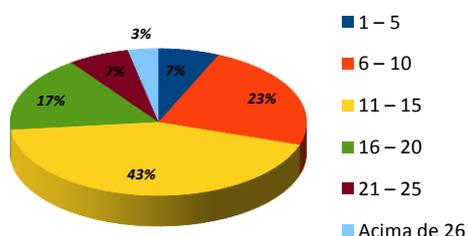
Com isso, transformamos essas entrevistas em gráficos, podendo se observar na próxima parte deste resumo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tentativa de se estudar esse fenômeno que ocorre a nível planetário e, que estende os seus tentáculos ao local, definimos assim, um grupo de pessoas que se identificam por uma característica em comum: residirem na área rural e terem interesse em migrarem para fora deste espaço. O público que nos auxiliou nesta pesquisa, tem idade entre 14 e 65 anos; origem étnica na sua maioria italiana, em torno de 40%, seguida pelos alemães com 25%, portugueses com 20% e poloneses com 15%. Na sua maioria possuem apenas o Ensino Fundamental Incompleto para os pais e Médio em Curso ou Completo para os filhos. Quanto ao número de pessoas por núcleo familiar, concentraram-se 95% entre 3 e 5 pessoas, sendo os demais 5% referente de 6 a 8 componentes. Já no que tange ao tamanho das propriedades (Figura 3) existe uma variação considerável que pode ser

encontrada no gráfico abaixo, vejamos:

Figura 3: Tamanho da propriedade dos entrevistados em hectares



Fonte: João Guilherme da Silveira, 2013.

O salário das famílias variaram entre a faixa de 1 a 10 salários mínimos, ocorrendo assim de acordo com o tipo de produção e quantidade de terras que possuem. Porém, a média manteve-se entre 4 e 5 salários mínimos.

Outros questionamentos também foram realizados como, por exemplo, quanto tempo residiam na propriedade? O resultado foi que 80% moram há mais de 15 anos no local. Quanto aos demais, 20% ficaram assim distribuídos: entre 11 e 15 anos 10%; de 6 a 10 anos igual a 10% e de 1 a 5 também 10%.

Com relação a parte mais interessante do projeto que seria, a discussão acerca das causas que conduzem a evasão do campo, os entrevistados comunicaram que os principais problemas são: a renda é anual e não mensal; trabalha-se mais na área rural do que na cidade; preconceito para com o jovem da área rural; busca de oportunidades na cidade; falta de acesso as tecnologias; dependência financeira dos pais que se constitui em alimentação, roupa e o empréstimo do veículo da família, porém sem o repasse do lucro; desatualização com relação a informação; falta de valorização e conflito intrafamiliar.

Todos foram unânimes em ter orgulho de ser agricultor, porém consideram que há muito preconceito quanto a profissão pela população urbana. Diante do exposto e traçando um paralelo com a nossa bibliografia, percebe-se que existe uma crise de identidade em que na opinião dos pais, prefere-se que seus filhos migrem para a “cidade” em busca de uma “melhor condição de vida”. Contudo, o mesmo orgulho que sentem contradiz-se no momento que orientam seus descendentes a migrarem. Trata-se de uma alienação que surgiu a partir do descompasso do tempo do agricultor com o tempo do “ser urbano”,

em que diferentes comodidades ou, porque não dizer, oportunidades da vida contemporânea são oferecidas a um e negado a outro. Por isso, há uma necessidade de se fortalecer um sentimento de pertencimento real que invoque a continuação através de seus sucessores diretos do cultivo da terra e da criação de animais como atividade nobre e rentável para as populações rurais. No entanto, “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (Santos, 2003, p. 263). Precisa-se encontrar caminhos alternativos que legitimem a Internet rápida, a TV a cabo, o asfalto, a energia elétrica trifásica, o sinal de celular que “não cai”, além da oportunidade de criar rentabilidades mensais para esses grupos e políticas públicas que viabilizem a ascensão social do trabalhador rural e, principalmente, do seu filho.

CONCLUSÕES

Neste modesto trabalho, buscou-se apenas encontrar algumas causas desse fenômeno que necessita um olhar mais atencioso com o auxílio de uma equipe multidisciplinar. Para isso, precisa-se definir as possibilidades com relação a esse problema, na tentativa de se atingir a autonomia do ser humano quanto a sua opção profissional por aquilo que considera melhor para ele. Contudo, ele precisa ter bem nítido o conhecimento do todo para escolher o seu destino. Para encerrar, consideramos importante constar o seguinte versinho proferido por um dos entrevistados relativamente consciente: “se o povo da roça não planta, o povo da cidade não almoça e nem janta...”

REFERÊNCIAS

- JOST, L.; ALMEIDA, M. Êxodo Rural é uma realidade prejudicial a toda a sociedade. **Revista Expogro Afubra**, 1, 8-11, 2013.
- PETERSEN, P.; PAULO, M. A. L. Jovens de famílias camponesas: suas realidades e seus sonhos. **Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia**, 8, 22-25, 2011.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SILVA, A. L. **Fazendo cidade: memória e urbanização no extremo oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2010.
- STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: UFSC, 2006.